

## UM ATLAS PARA COLOCAR EM JOGO OS DISPOSITIVOS DO DIZER

Uma leitura do texto *Parque das ruínas*, de Marília Garcia

MARIELI ZANOTTO<sup>12</sup>, VALDIR PRIGOL<sup>23</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

Com esta submissão, pretende-se apresentar os resultados finais da pesquisa de Iniciação Científica intitulada *A leitura como atlas temporário* iniciada em agosto de 2020, com, vigência de 12 (doze) meses e, portanto, concluída no mesmo mês em 2021.

A presente pesquisa apresenta uma leitura do poema *Parque das ruínas* de Marília Garcia a partir da metáfora do atlas temporário sentimental enunciada no poema. O desenvolvimento dessa leitura constituiu-se pelos movimentos de identificação e descrição da imagem do atlas temporário sentimental; apresentação da memória da metáfora, e, com isso, apresentar a metáfora de leitura para o poema *Parque das ruínas* a partir da imagem do atlas temporário sentimental. *Parque das ruínas* lembra quatro modos de dizer - depoimento, ensaio, poema e performance – e os coloca em jogo, formando um atlas dos dispositivos do dizer.

### 2 OBJETIVOS

#### Geral

Analisar a metáfora do atlas temporário presente no texto “Parque das ruínas”, de Marília Garcia, para pensar a questão da leitura.

#### Específicos

- Observar o funcionamento da metáfora do atlas temporário no texto de Marília Garcia.
- Compreender a historicidade da metáfora do atlas temporário.
- Pensar a leitura a partir da metáfora presente no texto de Marília Garcia.

---

1 Acadêmica do Curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Bolsista de Iniciação Científica da UFFS - Campus Chapecó. Projeto *Nas malhas da leitura* - Subprojeto *A leitura como atlas temporário*. E-mail: marii\_zanotto@hotmail.com

2 Grupo de Pesquisa: Linguagem, Discurso e Subjetividade, da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó.

3 Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Orientador. E-mail: valdirprigol@uffs.edu.br.

### 3 METODOLOGIA

O objeto desta etapa da pesquisa foi o poema *Parque das Ruínas* de Marília Garcia, publicada no livro *Parque das ruínas* (2018) e disponível em forma de performance no YouTube<sup>4</sup>. Após a leitura do poema *Parque das ruínas* e de outros textos da autora, identificou-se o surgimento da metáfora do atlas temporário sentimental.

A partir da identificação desta metáfora, realizou-se a análise e descrição de seu funcionamento no poema. Na sequência, buscou-se apresentar a memória da metáfora do atlas temporário sentimental, dito de outra forma, buscou-se demonstrar a historicidade desta metáfora. Por fim, propôs-se a imagem do atlas temporário sentimental para ler o poema *Parque das ruínas*.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imagem do atlas temporário sentimental é utilizada por Marília Garcia, no poema *Parque das Ruínas*, como “condição do legível” (Pêcheux, 2009), para *Topografia das lágrimas*, uma vez que a autora enuncia esta metáfora para ler o trabalho da americana Rose-Lynn Fischer, metáfora essa que desliza para sua poesia.

O poema, em seus diferentes suportes (ler, ouvir e ver) constitui-se por um conjunto de imagens (literais e metafóricas), um atlas por sua vez, define-se como um conjunto ou coleção de imagens. Além disso, as citações e conexões feitas ao longo do poema também nos remetem a construção de um atlas, assim o atlas temporário sentimental é um modo de ler e fazer. Desse modo, o poema é um atlas, temporário, porque desempenha a função de auxiliar na leitura da situação, do momento, e, sentimental porque a relação com o texto importa, experiências e memórias implicam, compõem os sentidos.

Ao ler *Parque das ruínas*, ocorreu-nos algumas vezes “ler levantando a cabeça” (BARTHES, 1988, p.26), já que o poema nos faz lembrar, de depoimento, pois a forma como Marília o compõe apresenta semelhanças com tal gênero, em diversos momentos ela narra fatos vividos, ademais, *Parque das Ruínas* inicia com a narrativa da relação da própria autora com o poema; de ensaio porque usa a imagem do atlas temporário para ler um trabalho de arte (*Topografia das Lágrimas*), além disso, apresenta referências externas para compor seu texto, conectando-os, ela os traz para compor seu texto e argumentar, assim como costuma ser em um ensaio; de performance, pois ele é uma composição de texto, voz (da autora) e imagens, essa composição faz com que ele se constitua como uma performance, pois ultrapassa os limites do texto.

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=qEQfXg4b9Ko&t=307s>

Diante do exposto, compreende-se que o poema *Parque das ruínas* coloca em jogo os dispositivos de dizer que produzem subjetividade no presente, por isso lembra depoimento, ensaio, poema e performance. Ao colocar em jogo esses dispositivos, esses modos de dizer, cria-se um atlas dos dispositivos do dizer. Cabe destacar, que toma-se por dispositivo “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

## 5 CONCLUSÃO

O aparecimento da metáfora do atlas temporário sentimental no poema *Parque das ruínas* se dá de formas distintas, ocorre de maneira explícita, na discursividade do poema, e na forma como o poema é construído, formando um atlas temporário sentimental. A metáfora do atlas temporário sentimental também pode ser compreendida como um modo de ler (o poema e outros textos), pois “o leitor, ao ler, realiza um movimento dialético entre passado e presente”, ou seja, ao ler, lembramos, “memórias, voluntárias e involuntárias, surgem neste presente [...] não lembra apenas de livros, mas de outras manifestações culturais, de fatos da vida dos escritores, e da sua própria” (OLIVEIRA, 2020, p.79-80). Desse modo, ao ler produzimos atlas temporários sentimentais com essas memórias, com as coisas que lembramos.

Além disso, o atlas temporário sentimental no poema *Parque das ruínas*, configura-se em um modo de dizer, uma vez que Marília Garcia coloca em jogo os dispositivos de dizer, ao fazer isso, ela os torna inoperantes, produzindo um atlas dos dispositivos do dizer. E nas palavras de Agamben (2007, p. 48) “o que é, aliás, um poema, senão aquela operação linguística que consiste em tornar a língua inoperativa, em desactivar as suas funções comunicativas e informativas, para a abrir a um novo possível uso?”, a poesia é “uma contemplação da língua que a traz de volta para o seu poder de dizer”. Sendo assim, *Parque das ruínas* coloca em jogo os dispositivos do dizer e, com isso, produz um atlas dos dispositivos do dizer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. Arte, Inoperatividade, Política. In: CARDOSO, R. M. **Política – Politics.**

AGAMBEN, G; MARRAMAO, G; RANCIÈRE, J; SLOTERDIJK, P. Crítica do Contemporâneo – conferências internacionais Serralves. Portugal, 2007.

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.

GARCIA, Marília. **Parque das ruínas**. São Paulo: LunaPARQUE, 2018.

BARTHES, R. Escrever a leitura. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 26-29.

OLIVEIRA, A. P. **A leitura como melancolia**: memória, presente e vazio na crítica de José Castello. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2020

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

**Palavras-chave:** Atlas; Metáfora; Dispositivos; Poema; Modo de dizer

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES-2020-0064

**Financiamento** UFFS